



**LSPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

DELINQUÊNCIA E ESTILOS EDUCATIVOS  
PARENTAIS

CARLA CRISTINA BISPA FEBRÓNIO

Orientador de Dissertação:  
PROF. DOUTORA MARIA GOUVEIA PEREIRA

Coordenador de Seminário de Dissertação:  
PROF. DOUTORA MARIA GOUVEIA PEREIRA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do  
grau de:

MESTRE EM PSICOCRIMINOLOGIA

2012

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da  
Prof. Dr.<sup>a</sup> Maria Gouveia Pereira, apresentada no ISPA – Instituto Universitário  
para obtenção de grau de Mestre na especialidade de  
Psicocriminologia conforme o despacho da DGES, nº12203/2010  
publicado  
em Diário da Republica 2ª série — N.º 145 — 28 de Julho de 2010.

## **AGRADECIMENTOS**

Nada neste mundo, é conseguido unicamente por nós mesmos. São necessários esforços comuns, e mãos amigas para se alcançar o que quer que seja na vida, sendo este projecto de dissertação um exemplo disso.

Assim sendo, deixo aqui algumas palavras de agradecimento àqueles que de certa forma estiveram mais presentes nesta fase.

Partindo da ideia que tenho de que tudo desmorona menos a família, não podia deixar de agradecer às duas pessoas, não só mais importantes para mim, como também as maiores responsáveis por todo o meu sucesso – aos meus PAIS um MUITO OBRIGADO!

À minha MADRINHA, que desde sempre acreditou que eu seria capaz, um GRANDE OBRIGADO!

À DRA. CATARINA CORREIA, Sócia e Advogada da Sociedade de Advogados CSA-Correia, Seara, Caldas, Simões e Associados, por me ter acompanhado neste percurso, transmitindo-me força, coragem e determinação, transformando-se na minha verdadeira estrela, quero dizer um ENORME OBRIGADO!

AO DR. JOÃO CORREIA, Sócio e Advogado da Sociedade de Advogados CSA- Correia, Seara, Caldas, Simões e Associados, quero deixar UM OBRIGADO não só pela oportunidade e privilégio de ter sido sua funcionária, mas também por possibilitar, através da flexibilização do meu horário de trabalho, a concretização deste sonho.

AO PROF. MIGUEL VIANA, docente do Ispa, por toda a boa vontade e disponibilidade, um IMENSO OBRIGADO!

À minha sempre amiga e Prof<sup>a</sup> NATÁLIA, que apesar da distância, esteve sempre pronta para auxiliar, OBRIGADO!

Á RAQUEL SOUSA, minha amiga e colega do Ispa, pelas horas incansáveis que passou ao meu lado na biblioteca e pelo apoio desmedido prestado, deixo um GRANDE OBRIGADO!

AO NUNO PEREIRA, meu verdadeiro amor, por toda a paciência, calma e motivação, um OBRIGADO SEM TAMANHO!

A TODO O CORPO DOCENTE DO ISPA, associado ao Mestrado de Psicocriminologia, pelo excelente trabalho a nível de prestação de conhecimentos que se tornaram no pilar para a realização deste trabalho, OBRIGADO!

Finalmente mas não menos importante à MINHA PROF<sup>a</sup>. E ORIENTADORA MARIA GOUVEIA PEREIRA, responsável pela concretização definitiva deste trabalho, MUITO OBRIGADO!

NOME: Carla Cristina Bispa Febrônio

CURSO: Mestrado em Psicocriminologia

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO: Psicocriminologia

ANO LECTIVO: 2011/2012

ORIENTADOR: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Gouveia Pereira

DATA: Dezembro de 2012

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: Delinquência e Estilos Educativos Parentais.

## **RESUMO**

O presente estudo tem como objectivo analisar a relação entre comportamentos delinquentes e estilos educativos parentais.

Procurou-se especificamente, analisar: 1-Crimes violentos (roubo, ofensas à integridade física, sequestro, homicídio na forma tentada) estão relacionados com o estilo negligente ou indiferente (castigos físicos como método disciplinar e inexistência de afecto);

2- O estilo autoritarivo ou democrático (baseado no diálogo, compreensão, indução, afecto e uso da razão), promove a inibição de comportamentos delinquentes;

Como instrumento para realização deste estudo, no âmbito de dar resposta às hipóteses de investigação, foi utilizado o Questionário de estilos educativos parentais de Lanborn et al.(1991) versão traduzida e adaptada por Barbosa-Ducharne et al. (2006).

**Palavras-chave:** Comportamentos delinquentes; Estilos educativos parentais; Práticas educativas parentais.

## **ABSTRAT**

This study aims to analyse the relationship between delinquent behavior and parental educational styles. We sought to specifically examine: 1-violent crimes (stole, body harm, kidnapping, na attempted morder) are related to the negligente or indiferente style (physical punishment as a method to discipline and lack of affection); 2- The autoritarive or democratic style (based on dialogue, understanding, induction, affection and use of reason) promotes the inhibition of delinquent behavior.

As na instrument for this study in the contexto of responding to research hypotheses, we used the questionanaire of parental educational styles Lanborn et al, (1991) translated and adapted by Ducharne- Barbosa et al. (2006)

**Keywords:** Behavior offender; Parenting practices, Parental educational Styles;

## ÍNDICE

1-Introdução.....	1
2-Revisão da literatura.....	3
2.1Delinquência.....	3
2.2Práticas educativas parentais/ estilos educativos .....	8
3- Método.....	13
3.1- Participantes.....	13
3.2- Instrumentos.....	14
3.3- Procedimento.....	15
3.4- Resultados.....	16
5- Referências bibliográficas.....	17
6- Anexos.....	19
Anexo A- Questionário de Estilos Educativos Parentais.....	20
Anexo B- Formulário de caracterização sócio-demográfica.....	24

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1- Controlo parental e controlo interiorizado.....	9
Figura 2- Modelo de práticas educativas segundo Shaefer.....	10
Figura 3- Modelo de práticas educativas segundo Baumrind.....	11
Figura 4- Os quatro estilos segundo o Modelo de Baumrind.....	12



## 1- INTRODUÇÃO

Diariamente ouvimos, lemos e até opinamos sobre os comportamentos delinquentes.

É do senso comum que, da mesma forma que a sociedade se altera, e se vai (re)construindo, também o crime, e o agente do crime, vão sofrendo mutações.

Assim sendo, e tal como é visível, a delinquência juvenil é uma problemática que tem vindo a acentuar-se.

O que antes se considerava trivial e normal da idade, tal como defendem Le Blanc e Fréchette (1986) - (a delinquência “normal” enquadrada na fase da adolescência e que tem tendência a desaparecer não tem consequências graves, devendo assim ser equacionada como parte integrante do desenvolvimento normal, sendo uma forma exploratória necessária ao próprio desenvolvimento), é agora um problema que persiste em não se resolver e que frequentemente culmina na alocação do adolescente sob tutela da Justiça, num centro educativo ou numa Equipa de Reinserção Social.

Os actos cometidos pelos adolescentes, qualificados como crime, são cada vez mais graves e frequentes, o que leva à sua entrada precoce no mundo da Justiça.

Muitos autores, como por exemplo, Ferreira (1997), Moffit (1993), Fréchette e Le Blanc (1986), Janosz (2002), Fonseca e Simões (2002) e Born (2005) têm investigado esta problemática e teorizado sobre a mesma.

Sendo a família um dos pilares do crescimento e desenvolvimento de uma pessoa, esta constitui-se como um ponto fulcral no ambiente psicológico do individuo (Verde e Roca, 2006) e, conforme Oliveira (2002, p.9) defende “se a família gozar de saúde, todo o corpo social se apresenta saudável, mas se a família adoecer, a sociedade cai também enferma”, ou seja, se existirem problemas na família, existem certamente problemas maiores na sociedade.

Inúmeros estudos longitudinais como por exemplo, o de Cambridge (Farrington, 1998<sup>a</sup>, 2001), e de Dunedin (Moffitt, Caspi, Harrington & Milne, 2002), de Pittsburgh (Stouthamer-Loeber, Loeber, Homish & Wei, 2001) documentam o impacto de variáveis ligadas à família, nos comportamentos desviantes/delinquentes.

Patterson, DeBaryshe & Ramsey (2002) defendem mesmo que as práticas educativas parentais disruptivas são um mecanismo de produção de comportamentos anti-sociais e desviantes.

Deste modo, e aderindo a estas perspectivas, o estudo que me propus realizar debruça-se sobre a hipótese do comportamento delinvente poder estar associado aos estilos educativos parentais. O que se pretende é efectuar um estudo de correlação de modo a relacionar o tipo de crime cometido com os estilos educativos parentais.

Assim, poder-se-iam desenvolver programas preventivos, trabalhando com os pais, no sentido de utilizarem práticas e estilos educativos mais adequados, com o intuito de diminuir a delinquência que tanto nos atemoriza.

## 2.1-DELINQUÊNCIA

A delinquência, o delinquente e o comportamento delinquente são conceitos complexos e ambíguos.

Diversos autores tentam defini-los, gerando-se uma panóplia de perspectivas teóricas.

Ferreira (1997, p.916) defende que a delinquência juvenil, "surge como uma construção social e institucional em torno da qual se reúnem definições e ideias sobre situações e comportamentos que contrastam com o conceito ideal que temos da infância e da juventude".

A partir daqui, o autor aponta dois níveis de definição: um relacionado com a legislação, práticas e crenças instituídas, em que a delinquência juvenil passa pelos comportamentos assim considerados pelas instâncias formais; e o outro diz respeito ao comportamento em si mesmo, sendo que, a delinquência emerge, nos espaços de interacção dos jovens, como por exemplo, a família e os grupos de pares.

Por sua vez, Born (2005) afirma que o delinquente é um individuo que comete um acto qualificado como delituoso pela sociedade, porém nem todo o sujeito que o perpetra é necessariamente, aos olhos da lei, um delinquente.

Já Alarcão (2000) defende que embora existam comportamentos legalmente puníveis e classificados como crimes, são socialmente mais ou menos tolerados conforme 1) os valores que a sociedade adopta naquele momento- e.g. aborto, 2) a extensão dos referidos comportamentos e a capacidade social de fazer-lhes frente- e.g. certas fraudes fiscais, 3) a organização do poder vigente – e.g. regime democrático. Acrescenta ainda que a delinquência é um fenómeno qualitativo e quantitativamente muito heterogéneo, devido à diversidade do comportamento em si (furtos, homicídios, ofensas à integridade física, etc.), e à variedade dos seus autores como a idade, o sexo, o meio sócio-económico, a história familiar, etc.

Negreiros (2008,p.12) considera que a delinquência tem subjacente critérios jurídico-legais, sendo delinquente "o individuo que praticou actos dos quais resultou uma condenação pelos tribunais".

Shaw (1993) cit. por Matos et al (2009, p. 39) define delinquência "como uma forma extrema de comportamento anti-social e como um padrão de comportamento ilegal cometido por um menor", ou seja, o autor vê este fenómeno como uma violação da lei e considera actos delinquentes: destruição ou roubo de propriedade, prática de crimes violentos contra pessoas, posse ou venda de drogas e/ou álcool, posse ilegal de armas e ainda comportamentos considerados desviantes: vadiagem ou fuga de casa.

Por sua vez, Pereira (s.d.) sustenta que o comportamento desviante tem semelhanças com o não conformismo, o que pode originar uma conotação positiva, uma vez que o não conformismo revela independência pessoal e originalidade.

Corroborando a narrativa de Born (2005) existem quatro perspectivas da gênese da delinquência – a psicossocial, a criminológica, a desenvolvimental e a clínica.

A perspectiva psicossocial baseia-se no facto dos actos de delinquência serem actos sociais.

Existindo vários tipos de comportamentos, esta perspectiva define-os como neutros, pró-sociais, associiais e anti-sociais.

Os neutros caracterizam-se como sendo banais, como por exemplo tomar notas numa aula.

Os pró-sociais definem-se por serem benéficos para a sociedade, como por exemplo, reciclar.

Os associiais caracterizam-se por provocar dano sem que para isso haja intenção de prejudicar, como, por exemplo, partir uma jarra e, finalmente os anti-sociais, definem-se pela sua intenção negativa como, por exemplo, roubar uma carteira.

Neste caso, os comportamentos delinquentes são os dois últimos subconjuntos, exactamente porque existe intenção de dolo por parte do infractor.

Ainda o mesmo autor afirma que “é através da sociedade, das suas regras, das suas normas e das suas leis que o acto delincente é definido”.

É de realçar que a perspectiva psicossocial e a perspectiva criminológica estão muitas vezes relacionadas. Born (2005,p.20) defende que “o sentido dado ao acto pela sociedade tem uma grande importância. O contexto social e legal define a gravidade dos actos cometidos. Mas não existe um critério claro e definitivo para estabelecer uma ordem de gravidade dos actos.”. Acrescenta ainda que “... de um ponto de vista estritamente legal, a gravidade do acto é especificada em função da pena potencial. Pelo contrário, a opinião pública pode estabelecer uma classificação muito diferente da classificação legal”.

Vários autores como Szabo (1973), Giasanti e Maggionni (1980), Robert e Van Outrive (1993) citados por Born (2005) corroboram a tese de que existe uma enorme discordância entre a lei e a opinião pública.

No entanto, Born (2005) enfatiza que, por um lado, a sociedade não “opina” sobre todos os actos delinquentes e, por outro lado, as informações oficiais também podem incorrer em falsidades, devido muitas vezes à não apresentação de queixa por parte da vítima por temer represálias ou exposição, ou falsas declarações para recebimento de prémios de seguros.

É assim conclusivo que é insuficiente recorrer-se a um só actor, seja ele a opinião pública ou as fontes oficiais. É neste contexto que surge a corrente chamada “criminologia da reacção social” que visa perceber a delinquência através da recolha de informação de todos os actores da cena criminológica.

Em contrapartida, a perspectiva desenvolvimental entende que o acto delinvente para ser percebido tem de ser analisado ao nível da microgénesse (fases antes e em torno do acto) e da macrogénesse (conjunto da vida do sujeito antes da passagem ao acto).

O processo de socialização de um individuo é algo fulcral pois não só vai agir ao longo de toda a nossa vida, como também pode levar-nos a compreender os actos delinquentes.

“A associalização provoca processos de marginalização e de exclusão, que fazem aumentar a associalidade. É por isso que um acto delinvente pode, por exemplo, explicar-se por um fenómeno de exclusão, a qual produzirá depois a delinquência” (Born, 2005,p.22).

Loeber e Le Blanc (1998) e Moffitt (1993), citados por Born (2005) defendem esta perspectiva e encorajam a adopção deste ponto de vista.

Por fim, a perspectiva clínica tem como finalidade estudar o funcionamento interno da pessoa, baseando-se em hipóteses gerais extraídas de estudos de caso.

Integrando factores familiares e individuais é possível chegar-se a uma reflexão sobre os componentes possíveis das personalidades delinquentes (Born, 2005).

Esta perspectiva ao centrar-se no individuo, constitui as informações que são recolhidas como características individualizáveis, considerando o sujeito na sua unicidade. Assim, não se limita à simples observação, tendo em conta outros pontos de vista como estudos estatísticos, análise da família, do sistema de reacção social e do sistema jurídico, conseguindo deste modo uma visão do individuo muito original e consistente.

Chegados a este ponto, torna-se essencial não só distinguir delinvente ocasional, de delinvente de carreira (Born, 2005), como definir tipos de delinquência segundo Moffitt (1993) cit. por Born (2005) e trajectórias de evolução da delinquência conforme Loeber (1998) cit. por Negreiros (2008).

Assim sendo, o delinvente ocasional caracteriza-se pela pessoa que raramente ou de tempos a tempos comete actos (mais ou menos um ou dois), no geral, de fraca gravidade durante um período de vida muito curto (Born, 2005).

Por sua vez, o delinvente de carreira perpetua os actos por um longo período de tempo, e caracteriza-se não só pelo número, como também pela frequência, pela diversidade e ainda pela gravidade dos actos. Os actos que são tomados em consideração remetem-nos para uma

criminalidade com gravidade suficiente passível de uma pena de prisão, inscrevendo-se num modo de vida ou numa trajectória desviante (Born, 2005).

Moffit (1993) citada por Born (2005) distingue dois tipos de delinquência – a limitada à adolescência (adolescence limited delinquency) caracterizada pelo seu aparecimento na adolescência de forma temporária, de prevalência muito forte na população, sem factores de risco neurobiológicos e muito fraco risco genético- e a de carreira (life-course-persistent delinquency) que se caracteriza pelo seu aparecimento na infância com persistência em vários períodos da vida, existência de perturbações neurobiológicas e comportamentais, assim como probabilidade de transmissão genética dos riscos, sendo no entanto encontrada em casos raros.

Fréchette e Le Blanc (1986) citados por Born (2005) propõem uma tipologia de delinquentes, inseridos na delinquência de carreira, que nos remete para quatro dimensões - momento em que aparece a delinquência, a sua quantidade, a sua gravidade e a sua persistência. Assim, surge:

- a delinquência esporádica ou ocasional que se define pela sua não habitualidade e fraca gravidade;
- a delinquência explosiva que se caracteriza por actos numerosos e heterogéneos (contra pessoas, bens, vandalismo..) de gravidade média. Normalmente surge inserido no contexto de um clima de dificuldades familiares e pessoais;
- a delinquência persistente intermédia que se define pela longa duração, de gravidade intermédia, inscrevendo-se numa trajectória que se inicia na infância e que persiste na idade adulta, sendo de referir que os actos cometidos não costumam evoluir em termos de agressividade;
- a delinquência persistente grave que se caracteriza pela violência que os actos podem conter, a sua contínua repetição e crescente gravidade.

Por outro lado, Loeber (1988) cit. por Negreiros (2008) distingue quatro grupos distintos de delinquentes: os versáteis, os violentos exclusivos, os aquisitivos exclusivos e os consumidores de droga exclusivos. Esta classificação levou o autor a definir três trajectórias de evolução da delinquência- a agressiva / versátil, a exclusivamente não agressiva e a exclusivamente de abuso de droga. Define a trajectória agressiva / versátil como precoce ao nível do seu aparecimento, abrangendo comportamentos agressivos e problemas de hiperactividade e atenção, associados a um baixo rendimento escolar, reduzidas competências sociais e deficientes relações interpessoais. Caracteriza a trajectória exclusivamente não

agressiva como sendo inexistente a agressividade nos actos, assumindo que o delincente apenas mente, comete pequenos furtos e consome drogas, por exemplo, sendo que estes comportamentos surgem na fase intermédia da adolescência. Finalmente, no que diz respeito à trajetória exclusivamente de abuso de drogas, há que referir que o autor defende a ausência de problemas anteriores de comportamento, acrescentando que pode surgir também na fase intermédia da adolescência, ou já na parte final, sendo de realçar que ainda é uma trajetória que se encontra em definição.

Tendo em conta, a idade de início dos comportamentos delinquentes e a distribuição dos indivíduos nas diferentes trajetórias, Loeber e seus colaboradores (2000) citados por Negreiros (2008) definem, mais tarde, três trajetórias de comportamentos desviantes: 1) o conflito com a autoridade (início anterior aos 12 anos com comportamentos que se traduzem por desobediência que vão evoluindo para fugas de casa -comportamento de evitamento); 2)- a trajetória coberta ( início mais tardio, com comportamentos considerados menores- mentira, pequenos furtos- a evoluir para actos conotados com maior gravidade- fogo posto, vandalismo, fraude e furtos de maior dimensão) e 3)- a trajetória aberta (comportamentos agressivos cada vez mais graves como por exemplo, ameaças, intimidações, violações e ofensas à integridade física).

Inúmeros autores como Ferreira (1997), Parreira (2003), Benavente (2002), Born (2005), têm-se debruçado sobre os factores que podem determinar a delinquência juvenil, dando principal ênfase à família.

Ferreira (1997) defende que a inibição dos impulsos desviantes pode advir do funcionamento adequado da família. Se algo desestabiliza a família, esta perde capacidade de supervisão e controlo dos comportamentos dos filhos, sendo mais provável o aumento da delinquência.

Refere ainda que as estratégias disciplinares das famílias se relacionam em muito com o comportamento da criança, fazendo menção a diversas pesquisas que apontam para o facto das estratégias disciplinares mais coercivas estarem associadas a comportamentos agressivos e violentos.

Parreira (2003) acrescenta que a família é sem dúvida o contexto onde se pode desenvolver acções de prevenção, através do desenvolvimento de atitudes mais saudáveis como por exemplo, comportamentos educativos mais flexíveis, mas coerentes, deixando a combinação aleatória de rispidez com permissividade, mais envolvimento nas actividades dos filhos com o intuito de criar um clima afectivo positivo, escuta e compreensão mútua, capacidade de aceitação, permanência e clareza de valores e finalmente respeito pela comunidade. No

entanto, defende que o contexto escolar, laboral e sócio-político e económico também têm a sua influência na adesão ao comportamento delinvente.

Benavente (2002) delimita a prevalência da delinquência nas classes sociais mais baixas, nas cidades, nas populações desfavorecidas e etnicamente minoritárias e nos meios sócio-culturais mais desprotegidos por serem as características que mais frustrações impõem ao exercício das funções parentais e às adversidades no seio da família.

Por seu turno Born (2005) apoiado pelo estudo desenvolvido pelos Glueck (1950) afirma que o comportamento desviante tem mais tendência a surgir quando um indivíduo é confrontado com as seguintes situações: 1- Instabilidade da residência (diversa mobilidade de habitação, mas tendência para continuar na mesma zona, geralmente de renda moderada); 2- Falta de qualidade do habitat (poucas instalações sanitárias, maior diversidade de povoamento (grande número de coabitantes) e menos higiene); 3- Dificuldades económicas (na maioria são dependentes de um organismo de assistência financeira); 4- Composição familiar desestruturada (mais numerosa e por seu turno mais autónoma e muitas vezes desfeita- membros do agregado presos, falecimento de alguém, ou divórcio); 5- Características comportamentais preocupantes (verificação de sinais patológicos de delinquência nas outras gerações – nomeadamente por parte dos avós e pais); 6- Falta de qualidade de vida familiar (existência de falta de regularidade, ou seja não há tarefas definidas, nem rotineiras. Não há qualquer envolvimento por parte dos pais, nas actividades dos filhos ou vice-versa); 7- Fracas relações (geralmente marcadas pela indiferença e mesmo rejeição, ficando os filhos entregues à sua própria sorte); 8- Indisciplina (na maioria dos casos é errática e hipersevera, ou seja, além de não se adequar às necessidades da criança, a educação é transmitida através de punições severas – normalmente agressões físicas violentas).

## **2.2-PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS/ ESTILOS EDUCATIVOS**

Gottfredson e Hirschi, (1990) confirmam que em todos os estudos longitudinais e transversais, as práticas educativas parentais ressaltam como característica essencial e estritamente relacionada à delinquência.

Hirschi (1950) cit. por Born (2005) tomando como ponto de partida a visão simplista de alguns criminologistas de que é necessário haver um controlo externo – p.e- medo da polícia, considera que o controlo externo iniciado pelos pais, gera um controlo interiorizado e uma vinculação às instituições convencionais que constituem o laço social, inibindo o indivíduo de ingressar pela delinquência, ou seja:

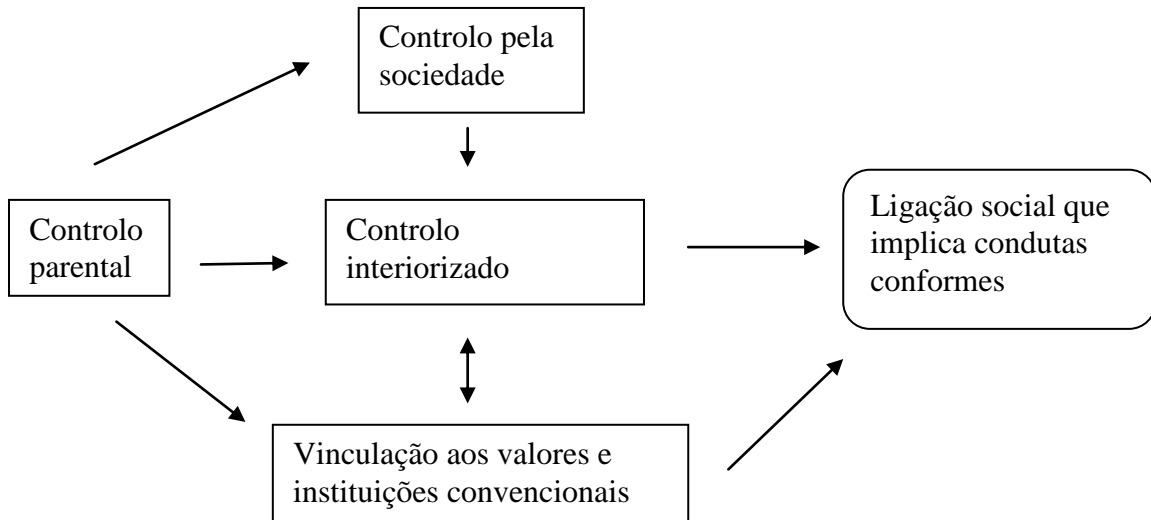


Figura 1- Controlo parental e controlo interiorizado

O respeito pelas normas estaria relacionado com a interiorização dos interditos parentais. Esses interditos obrigatoriamente coerentes quando contextualizados num ambiente afectivo securizante despoletarão o desejo de seguir os pais e, por sua vez a sociedade sob pena de uma enorme culpabilidade.

Salvador e Weber (2005) afirmam que a relação com os pais constitui a base referencial para todas as outras, uma vez que são eles (os pais) os primeiros e principais responsáveis pela transmissão de informações e interpretações sobre o mundo. Definem práticas educativas parentais como “ comportamentos definidos por conteúdos específicos e por objectivos de socialização” (p.342).

Por sua vez, Alvarenga (2001) defende que as práticas são estratégias que têm por objectivo suprimir os comportamentos considerados inadequados ou, por outro lado, de incentivar a ocorrência de comportamentos adequados.

Já Carvalho e Gomide (2005,p.263) definem práticas educativas, como “o modo, utilizado pelos pais, de socializar, controlar e desenvolver valores e atitudes nos seus filhos, sendo que o seu conjunto se denomina por estilos parentais”.

Hennigen (1994) cit. por Pacheco, Teixeira e Gomes (1999) caracteriza o estilo parental como a forma como os pais lidam com as questões de poder e hierarquia na relação com os filhos, e as posições que adoptam face aos problemas disciplinares, controlo do comportamento e tomada de decisões.

Assim, torna-se necessário não só frisar que as práticas educativas preconizadas pelos pais em relação aos seus filhos são percebidas através da avaliação dos estilos educativos, como

também que o desenvolvimento global da personalidade de um indivíduo depende, em grande parte, dos estilos ou práticas educativas parentais.

Shaefer (1959) cit. por Oliveira, (1995) propõe a identificação de duas dimensões básicas bipolares – dedicação afectiva (amor) vs. hostilidade ou rejeição, e autonomia ou independência vs. controlo excessivo ou repressão.

Relativamente amor vs. hostilidade Becker (1964) cit. por Oliveira (1995.p.144) define a dimensão afectiva como “ compreensão, aprovação, uso frequente do louvor e de explicações, uso moderado do castigo, centração na criança, técnicas “amorosas” de disciplina”. Baldwin (1955) e Baumrind (1971) cit. por Oliveira (1995, p. 144) defendem que “a aceitação e o calor afectivo fazem com que a criança seja socialmente adaptada, cooperadora, amistosa, leal, emocionalmente estável e alegre, ao contrário dos filhos de pais hostis que ficam mais aptos à dependência e agressividade”.

No que diz respeito à autonomia vs. controlo é de frisar que esta dimensão se relaciona com o poder, a autoridade, à disciplina, etc. Becker (1964) cit. por Oliveira (1995) conjugando este eixo com o afectivo, distingue métodos disciplinares baseados no amor dos baseados na autoridade, acabando por surgir três tipos de disciplina – “1. Afirmção do poder (inclui força física), 2. Negação de privilégios materiais (inclui negação de afectos) e 3. Indução (explicação das consequências do comportamento)” (p. 146). É de realçar que os três métodos apresentam consequências no comportamento presente e futuro da criança.

Da conjugação das duas dimensões, Shaefer (1959) apresenta um modelo em circunplex (variáveis organizadas em círculo) onde propõe outros comportamentos educativos ou atitudes tais como:

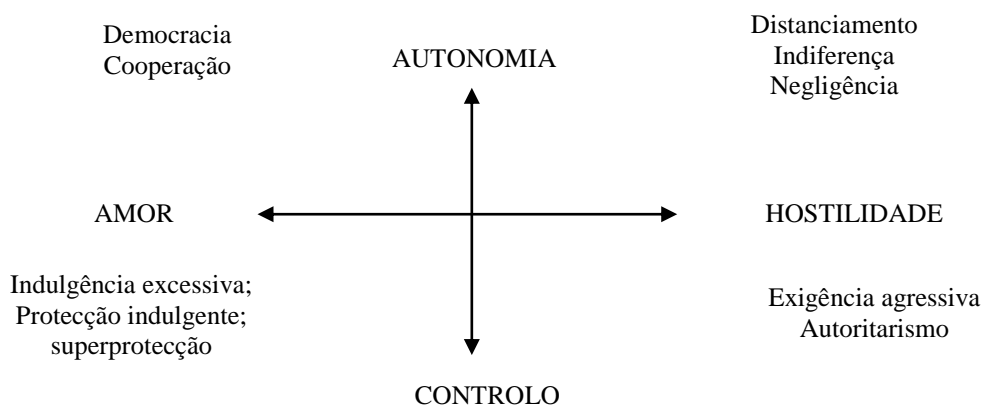


Figura 2- Modelo de práticas educativas segundo Shaefer

Ao conjugarmos os dois binómios propostos por Shaefer (1959) – autonomia vs controlo e amor vs hostilidade obtemos 4 estilos educativos:

1. Democrático – (conjugação de autonomia com amor);
2. Indulgente, permissivo ou protecionista- (controlo com amor);
3. Autoritário (controlo com hostilidade);
4. Negligente, Indiferente ou rejeitador (autonomia com hostilidade).

Frise-se que nos dois primeiros estilos, o filho é o “centro” e, nos dois últimos os pais é que mantêm essa posição.

Também é relevante considerar que o estilo democrático vs o autoritário associam-se mais à disciplina ou ao poder, enquanto que os estilos indulgente vs negligente apelam à afectividade.

Baumrind (1971) prefere utilizar apenas um binómio que acaba por englobar os dois anteriores- capacidade de correspondência (responsiveness) vs. exigência (demandingness).

Desta conjugação surgem outros comportamentos parentais possíveis:

#### EXIGÊNCIA

RESPOSTA	Alta	Média	Baixa
Alta	Autoritário recíproco	Democrata	Permissivo
Média	Exigente	Indiferente	Não directivo
Baixa	Autoritário	Negligente	Rejeitante

Figura 3- Modelo de práticas educativas segundo Baumrind

Assim, seguindo este modelo, surgem 4 estilos parentais possíveis:

	EXIGENTE (controlador)	NÃO EXIGENTE (não controlador)
RESPONDENTE (aceitador)	Autoritário recíproco (comunicação bidireccional)	Indulgente (permissivo)
NÃO RESPONDENTE (rejeitador)	Autoritário (impõe o poder)	Negligente (não se implica)

Figura 4 – Os quatro estilos segundo o modelo de Baumrind

Deste modo é constatável que o modelo de Shaefer não se sobrepõe completamente ao de Baumrind, no entanto em ambos existe uma dimensão relacionada com a parte afectiva (amor/desamor) e outra mais disciplinar e de controlo.

Assim, segundo Oliveira (2002), conjugando o modelo de Shaefer e de Baumrind pode-se considerar quatro estilos educativos:

1. Autoritário – (democrático, compreensivo e apoiante)- caracteriza-se pelo facto da criança ter alguma autonomia e os pais estimularem o seu desenvolvimento. Os pais controlam ao mesmo tempo que não negligenciam a parte afectiva, exigem disciplina mas são compreensivos. Resumindo há a) uma autoridade forte que permite o diálogo, b) respeito pelas regras, c) infracções punidas com sanções, de acordo com a sua gravidade. Este estilo leva os filhos a obter segurança, maturidade e autoconfiança;

2. Indulgente – (protectivo)- define-se pela ausência de regras ou normas e aceitação absoluta dos impulsos da criança. Os pais não fazem valer o seu poder, mas tornam-se violentos ao perder o total controlo de dada situação. Os pais são no geral, pouco exigentes, demasiado tolerantes e permissivos e mais ou menos afectivos. Este estilo pode provocar nos filhos falta de autocontrolo, tornando-se demasiado dependentes e sobreprotegidos.

3. Autoritário – (autocrático, exigente)- caracteriza-se pelo total poder de decisão por parte dos pais. Este estilo define-se pela obediência cega, extrema e rígida punição e pouca afectividade. Este estilo torna os filhos descontentes, submissos ou revoltados;

4.Negligente – (indiferente, rejeitador)- define-se pela total indiferença relativamente aos filhos e a tudo o que os rodeia. Não lhes é pedida responsabilidade, nem independência. Há muita frieza, inacessibilidade e indiferença. Este estilo faz com que os filhos fiquem tristes, inseguros, frustrados, podendo mais facilmente cair na delinquência.

Segundo Maccoby e Martin, (1983) o estilo democrático ou autoritarivo é aquele que se encaixa nos parâmetros tomados como ideais, uma vez que há equilíbrio entre a autoridade e o afecto, assim como entre a capacidade de resposta e a de exigência, o que é benéfico para um coerente desenvolvimento da criança.

No entanto, conforme Oliveira (1994), é necessário ter noção que os estilos educativos parentais, assim como outros aspectos comportamentais, têm de ser abordados de uma forma diferencial. Essa abordagem diferencial tem de ter em conta a idade, o sexo, o nível sócio-económico e cultural, a ainda outras variáveis individuais e demográficas que se apresentem fulcrais.

Enveredando pelo modelo de Baumrind e tendo em conta a teoria dos estilos educativos parentais serem um dos contextos mais indicados para o desenvolvimento da delinquência, este estudo pretende analisar as seguintes hipóteses:

1-Crimes violentos (roubo, ofensas à integridade física, sequestro, homicídio na forma tentada) estão relacionados com o estilo negligente ou indiferente (castigos físicos como método disciplinar e inexistência de afecto);

2- O estilo autoritarivo ou democrático (baseado no diálogo, compreensão, indução, afecto e uso da razão), promove a inibição de comportamentos delinquentes;

### **3- MÉTODO**

#### **3.1-PARTICIPANTES**

A selecção dos participantes é por conveniência e realiza-se nos Distritos de Lisboa e Porto ao nível de dois grupos distintos. O primeiro é uma população adolescente que se encontra sujeita à Lei Tutelar Educativa, sob tutela das Equipas de Reinserção Social, e o segundo é ao nível de uma população sem contacto com a justiça, através das escolas secundárias existentes.

A escolha dos locais deve-se ao facto de serem os distritos com maior índice de delinquência juvenil. Segundo o Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) de 2011, Lisboa apresenta 2001 participações, seguida do Porto com 1189.

A selecção dos participantes prende-se com o facto de ser um critério de operacionalização da variável delinquência, assumindo-se que os indivíduos uma vez condenados judicialmente (ficando sujeitos à Lei Tutelar Educativa) terão comprovadamente cometido actos qualificados como crime enquanto que os provenientes das escolas secundárias, têm o cadastro limpo. Esta situação facilita a comparação de resultados obtidos.

Tendo em conta a população adolescente das Equipas de Reinserção Social, prevê-se que sejam analisados crimes como: roubo; violência doméstica; ofensas corporais; coacção sexual; e homicídio na forma tentada.

### **3.2- INSTRUMENTOS**

Uma vez que este estudo se debruça sobre duas variáveis – a delinquência e os estilos educativos parentais, os instrumentos seleccionados dividem-se respectivamente em duas áreas distintas:

Para o estudo da delinquência optou-se por utilizar um formulário de caracterização sócio-demográfica, e as acusações e sentenças dos adolescentes sob tutela das Equipas de Reinserção Social.

Para o estudo dos estilos educativos parentais seleccionámos o questionário de Estilos Educativos Parentais - (QEEP) de Lanborn et al. (1991) versão traduzida e adaptada por Barbosa-Ducharne et al. (2006).

#### Dados sócio-demográficos:

Recolheram-se dados sócio demográficos como idade, sexo, localidade de residência, ambiente familiar (com quem vive) e contexto familiar (grau de parentesco, idade, profissão, habilitações académicas e rendimentos de quem coabita com o adolescente entrevistado) a fim de ter em conta todas as variáveis que possam influenciar as práticas educativas parentais e consequentemente os estilos, conforme Oliveira (1994).

#### Sentença/ Acusação:

Teve-se em conta as acusações e respectivas sentenças dos adolescentes sob tutela das Equipas de Reinserção Social, de modo a obter informação sobre o tipo e frequência do crime cometido, assim como os antecedentes criminais.

Qeep – (Questionário de estilos educativos parentais) de Lamborn et al.(1991) versão traduzida e adaptada por Barbosa-Ducharne et al. (2006):

As Parenting Scales (Lamborn et al. 1991) são constituídas por 19 itens agrupadas em duas subescalas- Responsividade/ Afecto/ Envolvimento (10 itens) e Supervisão/ Exigência (9 itens). Adaptou-se a escala para a população portuguesa, tendo sido necessário eliminar e acrescentar alguns itens. Assim, o instrumento é constituído por 21 itens e designa-se por QEEP.

Nos cinco primeiros itens, o adolescente avalia os progenitores separadamente, enquanto que os restantes se referem aos dois (progenitores) em simultâneo. Caso não haja progenitores, o adolescente responde segundo as figuras que desempenham o papel dos pais.

As respostas dadas a cada item cotam-se através de uma escala de tipo Likert entre 1 e 4.

Nos cinco primeiros itens calcula-se a média aritmética entre as respostas dadas relativamente a ambos os progenitores. A nota atribuída a cada dimensão (responsividade e exigência) é obtida pela soma das cotações dos itens que a constituem.

### **3.3- PROCEDIMENTO**

Em relação à amostra das Equipas de Reinserção Social, após obtermos a autorização por parte das mesmas, os sujeitos são entrevistados individualmente, numa sala cedida para o efeito.

Primeiramente procede-se à explicação do âmbito do estudo, afirmando que não existem respostas certas ou erradas, devendo haver sinceridade nas informações prestadas para facilitar o estudo científico, informando que todos os dados são confidenciais e anónimos, sendo unicamente utilizados no âmbito da investigação.

De seguida preenchem o formulário de caracterização socio-demográfica e depois respondem ao questionário. Enquanto isso, é consultada a acusação e respectiva sentença para recolher o tipo de crime, frequência do mesmo e eventuais antecedentes.

Relativamente à amostra das escolas secundárias, o procedimento é idêntico, sendo que a entrevista é realizada no início da primeira aula do turno da manhã e da tarde e os adolescentes somente preenchem o formulário de caracterização socio-demográfica e ao QEEP.

### **3.4- RESULTADOS**

Os resultados são analisados através de testes estatísticos, sendo de realçar o uso de análises de correlação e de regressão. Prevê-se que o estudo consiga traçar, relativamente à amostra de adolescentes sob tutela das Equipas de Reinserção Social, uma linha comum entre o tipo de crime cometido, e o estilo educativo parental utilizado.

Relativamente ao grupo de adolescentes das escolas secundárias, prevê-se que seja possível confirmar que o estilo democrático/ autoritário caracteriza um ambiente familiar capaz de propiciar uma adolescência sem correlação à delinquência.

## 5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, M. (2000). (Des)equilíbrios familiares: uma visão sistémica. Coimbra: Quarteto;
- Alvarenga, P. (2001). *Práticas educativas parentais como forma de prevenção de problemas de comportamento*. Em: Guilhardi, H. Sobre Comportamento e Cognição, Vol. 8, 54-60. Santo André: ESETec Editores Associados.
- Barbosa- Ducharne, Cruz, M. Marinho, O. e Grande C. (2006). *Questionário de Estilos Educativos Parentais*. Psicologia e Educação, 1. 63-75;
- Baumrind, D. (1971). *Current Paterns of parental authority*. Em: Developmental Psychology Monograph, 4, 1-103;
- Benavente, R. (2002) *Delinquência juvenil: da disfunção social à psicopatologia*. Em: Análise Psicológica, 4(XX), 637-645;
- Born, M. (2005) *Psicologia da Delinquência*. Lisboa: Climepsi Editores;
- Carvalho, M. & Gomide, P. (2005) *Práticas educativas parentais em famílias de adolescentes em conflito com a lei*. Em: Estudos de Psicologia, 22(3), 263-275;
- Ferreira, P. (1997) *Delinquência juvenil, família e escola*. Em: Análise Social, Vol. XXXII (143), 913-924;
- Gottfredson, M. & Hirschi, T. (1990). *A General Theory of Crime*. Stanford: Stanford University Press;
- Maccoby, E. & Martin, J. (1983). *Socialization in the context of the family: Parent-child interaction*. Em :E. M. Hetherington (Org.), P. H. Mussen (Org. Série), *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and social development* ,1-101. New York: Wiley;
- Matos, M., Negreiros, J., Simões, C., & Gaspar, T. (2009). *Violência Bullying e Delinquência*. Lisboa: Coisas de Ler Edições
- Negreiros, J. (2008). *Delinências Juvenis- Trajectórias, Intervenções e Prevenção*. Porto: Livpsic, Legis Editora;

- Oliveira, J (1995) *Estilos Educativos Parentais*. Em: Revista Internacional Católica-Communio, nº 2, XII, p.140-154;
- Oliveira, J. (1994) *Psicologia da Educação Familiar*. Coimbra: Almedina;
- Oliveira, J. (2002) *Psicologia da Família*. Lisboa: Universidade Aberta;
- Pacheco, J., Teixeira, M., & Gomes, W. (1999). *Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência*. Em: Psicologia: Teoria e Pesquisa, vol.15 (2), 117-126;
- Parreira, A. (2003) *Comportamentos Desviantes: seus contextos familiares e circum-familiares*. Em: Revista de Humanidades e Tecnologias, nº9, p. 37-45;
- Relatório Anual de Segurança Interna. Disponibilizado através do endereço electrónico:[http://www.portugal.gov.pt/media/555724/2012-03-30\\_relato\\_rio\\_anual\\_seguran\\_a\\_interna.pdf](http://www.portugal.gov.pt/media/555724/2012-03-30_relato_rio_anual_seguran_a_interna.pdf);
- Salvador, A. & Weber, L. (2005) *Práticas educativas parentais: um estudo comparativo da interacção familiar de dois adolescentes distintos*. Em: Interacção em Psicologia, 9(2), 341-353;
- Verde, M. & Roca, D. (Coords.), (2006). *Psicologia Criminal*. Madrid: Pearson Educación

## **6-ANEXOS**

**ANEXO A**  
**QUESTIONÁRIO DE ESTILOS EDUCATIVOS PARENTAIS (QEEP)**

## QUESTIONÁRIO DE ESTILOS EDUCATIVOS PARENTAIS\*

### QEEP

Para cada uma das afirmações que se seguem, assinala com uma cruz a coluna que melhor traduz o que se passa contigo.

	Discordo totalmente	Não concordo	Concordo	Concordo em absoluto
1a. Posso contar com o meu Pai para me ajudar se eu tiver algum problema				
2a. O meu Pai incita-me a dar o meu melhor em qualquer coisa que eu faça				
3a. O meu Pai incita-me a pensar pela minha cabeça				
4a. O meu Pai ajuda-me nos meus trabalhos escolares se houver alguma coisa que eu não compreenda				
5a. Quando o meu Pai pretende que eu faça alguma coisa, explica-me porquê				
1b. Posso contar com a minha Mãe para me ajudar se eu tiver algum problema				
2b. A minha Mãe incita-me a dar o meu melhor em qualquer coisa que eu faça				
3b. A minha Mãe incita-me a pensar pela minha cabeça				
4b. A minha Mãe ajuda-me nos meus trabalhos escolares se houver alguma coisa que eu não compreenda				
5b. Quando a minha Mãe pretende que eu faça alguma coisa, explica-me porquê				

Às questões que se seguem deves responder, assinalando a coluna correspondente à frequência com que ocorre.

	Nunca	Às vezes	Frequentemente	Sempre
6. Quando tens uma má nota na escola com que frequência os teus pais te encorajam a insistir para melhorar?				
7. Quando tens uma boa nota na escola com que frequência os teus pais te elogiam?				

Com que frequência é que estas coisas acontecem na tua família?

	Quase todos os dias	Algumas vezes por semana	Algumas vezes por mês	Quase Nunca
8. Os meus pais passam algum tempo só a conversar comigo				
9. A minha família faz qualquer coisa divertida em conjunto				

Até que ponto os teus pais TENTAM saber:

Responde assinalando a coluna que melhor se aplica a ti:

	Nada	Pouco	Bastante	Muito
10. Quem são os teus amigos				
11. Onde vais quando saís à noite				
12. O que fazes nos teus tempos livres				
13. Onde estás quando saís à tarde da escola				

14. Como gastas o teu dinheiro				
--------------------------------	--	--	--	--

Até que ponto os teus pais REALMENTE sabem:

Responde assinalando a coluna que melhor se aplica a ti:

	Nada	Pouco	Bastante	Muito
10. Quem são os teus amigos				
11. Onde vais quando saís à noite				
12. O que fazes nos teus tempos livres				
13. Onde estás quando saís à tarde da escola				
14. Como gastas o teu dinheiro				

**ANEXO B**  
**FORMULÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA**

## FORMULÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA

**Idade:** .....

**Sexo:** .....

**Local de residência:** .....

### **Ambiente em que vive:**

Coloca uma cruz na situação em que te encontras:

- 1- Casa da mãe/ pai biológicos .....
- 2- Casa da mãe biológica e: -----;
- 3- Casa do pai biológico e:-----;
- 4- Casa do Encarregado de Educação e: -----;
- 5- Lar .....
- 6- Instituição.....;
- 7- Casa própria.....;
- 8- Outro ....., Qual?.....

### **Composição Familiar e Situação Económica:**

Completa o seguinte quadro de acordo com as pessoas que vivem contigo:

<b>Grau de parentesco</b>	<b>Idade</b>	<b>Profissão</b>	<b>Habilitações académicas</b>	<b>Rendimento (ordenado; subsídio de desemprego ou rendimento social de inserção)</b>